

KC

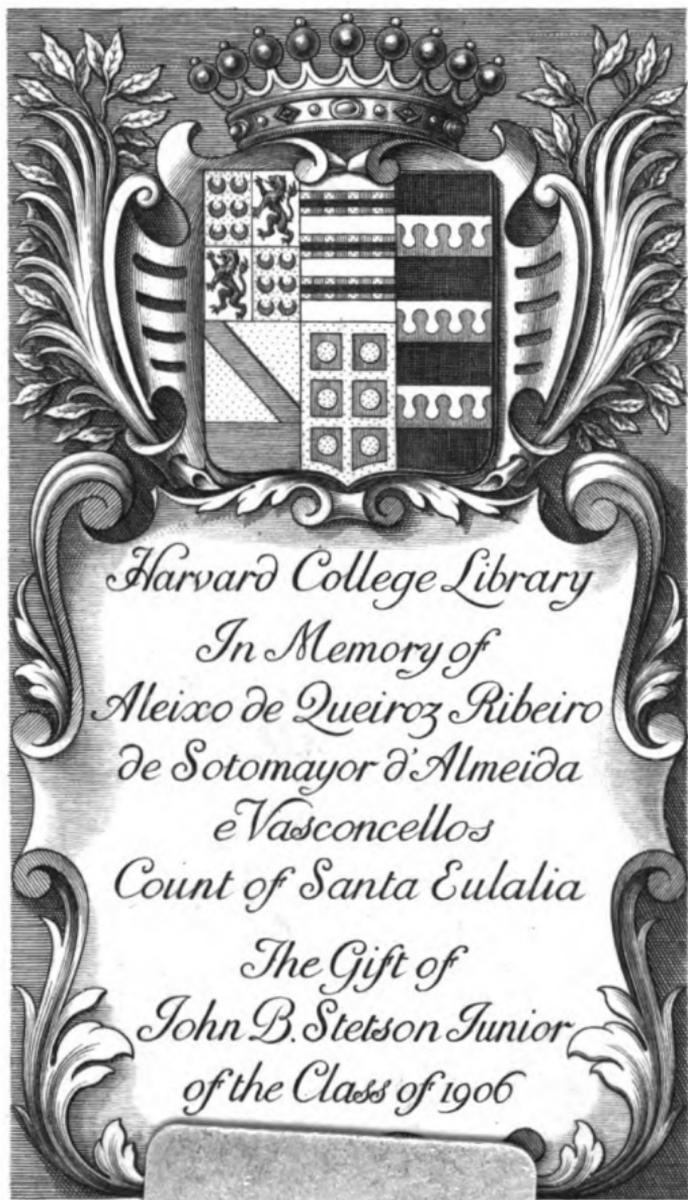
15622

HN 3EZ7 D



~~39,86,75~~

KC 15622



A. J. Downey Jr.

London 1917

O
 AS
 ODES
 DE
 ANACREONTE DE TEOS
 PARAPHRASEADAS
 POR
 FRANCISCO MANOEL GOMES
 DA SILVEIRA MALHAÕ.



LISBOA
 NA IMPRESSÃO REGIA.
 ANNO M. DCCC. IV.

Por Ordem Superior.

KC 15622

~~Gr. 39.86.75~~

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

MAY 28 1924

AOS LEITORES.

O Amor , que desde meus primeiros annos , adquiri ás Poesias de Anacreonte , fez-me então produzir algumas deste genero , e imitar as Odes , que mais me tocarão.

Entrei na empreza de o traduzir , não para os Doutos , que o conhecem , mas para o resto , a quem he desconhecido.

Metti as mãos á obra ; mas logo me achei embaraçado , nas diversas intelligencias de seus mais famosos Traductores , dos quaes me servia , por não ter o preciso conhecimento da Linguagem Grega : por matar com tudo a fome que tinha , de que tambem houvesse entre nós este Poeta Feiticeiro , e de ir por este modo desafiar algum habil engenho , que consiga , o que eu pude sómente desejar , troquei o appetite da Traducção , que desejava dar-vos , no desta Paraphrase que vos apresento.

Ella concluiu-se; e como tal a deveis olhar , debaixo deste meio termo ; que eu conciliei as opiniões de muitos , guiado das vistas fundamentaes de Henrique Estevão , e de Mathias André : não fui muito longe do que os mais dizem , e elle me confirmava , senão quando precisei afastar-me da Philoſophia do Poeta Pagão , para não escandalizar ouvidos , instruidos nos sólidos principios , e fins , que elle desconheceu.

Serei contente de contentar-vos , e tambem de que este meu trabalho , seja o estímulo , que mova outro genio , e que se consiga , como póde ser , o que eu desejei , e não pude.

Valete.

A V I D A
D E
A N A C R E O N T E .

E Ste Poeta célebre nos seus dias, e de geral estimação em todas as Idades, teve o seu berço em Teos, Cidade da Jonia, que depois se chamou Susor, plantada na Costa meridional do Isthmo, fronteira a Clazomena Cidade da Azia Menor, também na Jonia, que hoje se chama Kelisman, e não em Theios, Cidade da Paphlagonia, segundo Estrabão. livr. 4.

He incerto o verdadeiro nome de seu Pay; huns como Suidas, seguem que se chamava Scytino: Outros Eumello; alguns Parthenio, e não poucos, que o seu nome era Aristrocrito.

Sabe-se por huma passagem de Plató, que o Poeta era parente de Solon por seu Pai, quem quer que elle fosse, e por sua Mãi de Pisistrato; argumen-

VI. A VIDA

to de grande Pessoa, por ser por Solon do sangue de Codro, filho de Melantho, e ultimo Rey dos Athenienses, e da parentela de Pisistrato, não o que foi Rey dos Orchomenienses, mas sim, do que reinou em Athenas, com varia fortuna, e que deixou Real descendencia, em seus dois filhos Hippias, e Hipparco.

O tempo, em que floreceo, tem sido disputado: querem huns, segundo, Eusebio, que foi pelos annos de Cyro, Cambises, e Dario; e então vem a ser na LXII. Olympiada, e corresponde a 532 antes da vinda de Christo; e outros, segundo Suidas, que foi na LII. Olympiada, 572 antes da era Christã. He a terceira opinião, e a mais seguida, que foi Coevo de Solon, de Esopo, Cresso e Pisistrato, e por tanto floreceu no tempo de Polycrates 500 annos, anteriores ao nascimento do Salvador.

Este Polycrates, que reinou em Samos, fez huma grande estimação, e apreço da pessoa de Anacreonte, tendo-o do seu concelho, e admittendo-o nos prazeres, e privança, e enriquecendo-o com os bens de sua generosidade.

DE ANACREONTE. VII

Conta-se huma passagem, que mostra a amizade do Principe para com o Poeta, e o desinteresse do mesmo Poeta; de que são testemunho muitas de suas Odes, qual a Ode 15. 23, e outras.

Diz-se pois que este Soberano o brindára com ávultada somma de dinheiro, segundo aquelles tempos; e que mettendo-o Anacreonte em casa, lhe dera tanto cuidado a sua guarda, que duas noites passára muito incommodado; pelo que no dia seguinte lhos entregára, dizendo-lhe, que não queria comsigo couda, que lhe roubasse o seu descanso. Madama Dacier, e Mr. de La Fosse, tem isto por improprio, e o caracterização de historieta.

Não foi só Polycrates o Principe que fez estimação deste Poeta. Hipparcho, filho de Pisistrato lhe enviou hum Navio de cincoenra remos, para nelle passar o mar Egeo, e communicallo na sua Corte de Athenas, isto com cartas muito obrigatorias, e encomios de seus talentos, e virtudes.

Da estimação, que d'elle fizeram estes dois Principes, e principalmente Hipparcho, tão grande Amigo dos doutos, que, além de Anacreonte, teve na sua

VIII. A V I D A

Corte, também ao Poeta Simonides, se collige, em primeiro lugar, que este grande homem não possuía sómente o dom da Poesia, mas também o conhecimento das outras Sciencias, e adorno das qualidades, que o constituirão digno do lado, e comunicação dos Soberanos de seu tempo.

Isto mesmo se comprova, com a authoridade de Platão, que não duvidou dar-lhe o nome de Sabio; e em hum seu Dialogo, sobre a Temperança, honra sua pessoa, nome, e virtudes.

Em segundo lugar, que he falso o caracter, com que se tem afeado sua memoria, dando-lhe o attributo de debochado, e lascivo, sem mais apego, que ás Bacchanaes, e á soltura de Venus: porque Platão no sobredito Dialogo, introduzindo Socrátès a fazer o elogio do mancebo Charmides diz „ Era justo „ Charmides, que até nisso fosses também superior à todos os mancebos „ d'Athenas: pois aonde se acharão duas „ casas de alliança, das quaes se derive „ huma casta de homens, mais bella, e „ tão virtuosa? Por parte de vosso Pai, „ descendeis com Critias, da antiga familia de Dropidas, de Anacreonte, e

DE ANACREONTE. IX

„ e de Solon , que em todos os tempos
„ se distinguirão , por sua galhardia ,
„ por suas virtudes , e por suas rique-
„ zas ; e da parte de vossa Mãi. &c.

Ser huma grande porção de suas Odes em louvor de Baccho , e dos effeitos diversos do licor de seu invento , quaes a 1. 13. 15. 17. e outras muitas , he argumento , mas não he prova , que o vinho fosse a sua paixão dominante : Hum homem pagão , e de humor tão alegre , e desempedido , como no-lo transmite a historia , e elle se retrata tantas vezes , e tão dado aos assumptos alegres , nas delicias da Corte , nos grandes banquetes , bem que de grandes Personagens , era impossivel que não adoptasse o genero da Poesia , propria destas situações ; e conjunções ! entre nós seguirão esta qualidade de Poemas , Garção , Diniz da Cruz e o Padre Soyé , e nem por isso , já mais disse alguém , que adocessessem de semelhante vicio.

Está tambem a favor destas conjecturas , que , compondo este Poeta , Poemas d'outros generos , de que sómente restão fragmentos , nellas não apparece a attribuida paixão pelos copos : donde se vê , que o defeito he mais da quali-

X. A VIDA

dade do genero , do que da paixão particular do seu Author : nem mesmo , que nos banquetes tivesse algum excesso , chegava á nota de nossos dias , porque a Religião de Anacreonte , como pagãa , e destituida das verdadeiras luzes , estribava a moral da sua felicidade nos prazeres da vida ; e como não esperava recompensa do bem , nem castigo do mal , tinha estes deleites por seu bem , e a morte por fim de tudo.

Diz-se que amára com extremo hum mancebo por nome Bathylo , e disto he testemunha o mesmo Anacreonte na Ode 9. em que lhe escreve ; na 22. em que o convida a hum lugar delicioso ; e na 29. aonde relata suas bellezas , e em allusão a esta amizade , he que Horacio cantou „ Epod. Ode 14. v. 9.

*Non aliter Samio dicunt arsisse Bathyllo
Anacreonta Teium.*

Isto porém não prova , que esta amizade fosse defeituosa ; até hoje nenhum Escriptor fez máo character a Virgilio , e nem por isso deixou de mostrar-se muito afeiçoado á Alexis , e pela mesma expressão ; na Eccl. 2. disse:

DE ANACREONTE. XI.

Formosum pastor Coridon addebat Ale-
xin.

Sobreveio-lhe a morte aos 85 annos de sua vida, passada nas estimações de seus Coevos, e nas delicias, e regalos do seu humor jovial, e da sua Philosophia: diz-se, que affogado com hum bago de uva, que não podera engolir; mas he natural, que fosse de alguma tosse que este lhe causasse, cahindo-lhe no gotto.

O merecimento de suas Poesias he indisputavel: hum Sabio de nossos dias, fazendo juizo sobre ellas, explica-se desta maneira.

„ He mais facil alcançar os vãos
„ remontados de Pindaro, copiar os
„ quadros magnificos de Homero, imitar
„ os sons tragicos de Sophocles, e d’Eu-
„ ripides, do que colher as graças sin-
„ gulas de Anacreonte, com a mesma
„ frescura com que nascêrão: a vivaci-
„ dade dos pensamentos, e das ima-
„ gens; a naturalidade dos sentimen-
„ tos; huma mollesa elegante, e vo-
„ luptuosa; huma negligencia amavel
„ e mais difficil de apanhar, do que
„ todos os ornamentos de engenho; a

XII. A V I D A

» ligeireza do pincel ; a delicadeza dos
» rasgos ; a simplicidade do colrido ; a
» brevidade da dicção ; a facilidade do
» estilo , e a maneira graciosa de fal-
» lar , que parece que o que diz , não
» póde , nem deve dizer-se de outro mo-
» do , tudo isto são bellezas nativas ,
» que mal se imitação fóra da lingua em
» em que nascêrão.

Da doçura de seus versos , disse
Escaligero , que os achava mais doces ,
do que as canas de assucar , que nas-
cem na India ; e da facilidade cantou
Hor. no Epod. Ode 14. v. 11. e 12.

*Qui persape cava testudine flevit amorem ,
Non elaboratum ad pedem.*

AS
ODES
DE ANACREONTE.
PARAPHRASEADAS.

ODE I.

A sua Lyra.

Propuz-me a cantar na Lyra
Dos Atridas o louvor;
Quiz tecer os elogios
De Thebas ao Fundador
As cordas feridas,
Por mão superior,
Meu canto invertião,
Em cantos d'Amor.

*

Tirei-lhas todas, prendi-lhe
Outras de tempra melhor,
E dos Herçuleos trabalhos
Comecei a ser cantor ;
A Lyra rebelde
A seu tangedor,
Trocava meu canto,
Em cantos á Amor.

*

Adeos Atridas valentes,
Adeos filho d'Agenor
Adeos Alcides, Heroes
Dignos de canto maior ;
Não tendes em mim
O vosso cantor ;
A lyra qu'eu pulso,
Nasceo par'Amor.

O D E II.

Ao poder da Formosura.

A O Toiro, ao Cavallo, ás aves,
Aos mudos peixes do mar,
Deo prudente a natureza
Com qu'a força repulsar.

*

Ao toiro, poz-lhe na fronte,
As pontas d'arremeter;
Ao cavallo deo nas patas
Com que fugir, e offender.

*

A's aves deo leves pennas,
Que fendem os densos ares,
Aos peixes as barbatanas,
Que rasgão os fundos mares.

*

Ao Leão sanhudo, e fero,
Além das garras valentes,
Deo-lhe boca larga, e funda,
Armada d'agúdos dentes.

*
Ao Home', este ser dotado
De mais alta perfeição,
Deo-lhe madura prudencia,
Deo-lhe sagrada razão.

*
Por acaso das Mulheres
A'Mái commum s'esqueceo?
Esgotou os seus thesoiros!
E ao fragil sexo que deo?

*
Deo-lhe mais; deo-lhe a belleza,
Impenetravel escudo!
Arma por si mais valente,
Que ferro, que fogo, e tudo!

*
Porque o rosto feiticeiro,
D'huma galante mulher,
Abranda o peito mais duro,
Resiste ao maior poder.

* 3 *

O D E III.

O Amor perdido de noite.

A Qui ha pouco, alta noite,
Quando toda a terra estava
Em hum silencio profundo,
E já Morpheo s'espalhava
Pelo froixo corpo meu,
Cupido, na minha porta,
A rijos golpes bateu.

*

Quem he lá? lhe perguntei:
Quem vem meu somno quebrar?
Abre, me diz: abre a porta;
Eu não sou de recear,
Vem que sou tenro menino,
Todo alagado, e co'as trevas
Perdi neste valle o tino.

B

* 6 *

*

Isto ouvindo enternecido.
Ergui-me, e luz accendi ;
Abri a porta, e por ella
Entrar hum menino vi:
Era loiro, arco trazia,
Azas tinha, e eburnea aljava
Dos hombros nús lhe pendia.

*

Dei-lhe a mão, levei-o ao fogo;
As minhas logo aquetei,
E as alvas frigidias mãos
Caridoso lhe esfreguei
E como molhado o vi,
A chuva de seus cabellos,
Para aquecer, lhe espremi.

*

Mal qu'elle enxuto se viu,
Me disse: vamos nós ver,
Se pode a chuva d'este arco
A rija corda offender?
Seu arco traça na mão,
Une as pontas, e me atira
Hum setta ao Coração.

* 7 *

*

Então salta, e diz-me rindo:
Congratula-te cōmigo
Oh bemfeitor! o meu arco
Não soffreo menor perigo:
O meu arco illeso está,
Mas teu pobre coração,
Que dores não sentirá!

O D E IV.

EM Leito de tenros mirtos,
E do loto verdejante,
Beberei gostoso as taças,
Desse licor espumante.

*

Desate Cupido a venda;
E a rubra capa traçando,
A deite ao hombro, e ligeiro
Vá-me os copos ministrando.

B ii

*
Se iguais á sombra que passa
Nos fogetti os nossos dias,
E depois os duros ossos,
S' não de tornar cinzas frias.

*
Para qu'havemos andar,
N'huma continua amargura,
Se os folgazoens, e os tristes
Vão iguais á sepultura!

*
Não he melhor, este espaço,
Medir, em folguedo bom,
Em companhia decente,
Cantando da Lyra ao som?

*
Se hade aos vivos esconder-me,
Para sempre a terra fria,
Quero folgar; não he crime,
Huma innocente alegria.

O D E V.

A' Rosa.

J Untemos ao Bromio
A rosa engraçada,
A flor, aos amôres,
E a Amor dedicada.

Co'a rosa fragrante
As frentes ornemos
Depois, entre os copos,
Alegres folguemos.

*

A rosa engraçada
He honra das flores,
D'Abril e de Maio
Empenho, e amores.

He mimo dos Deoses;
E o moço Cupido,
Seu loiro cabello
Traz d'ellas cingido,
Só dança co'as graças
No monte de Gnido.

*

O' Baccho! de rosas
Me crôa e m'inspira ;
Irá no teu templo,
Soar minha lyra!

E tendo enastrada
De rosas a frente,
A par da Belleza,
Meu bem e esperança,
Marcarei contente
Das Ninphas a dança.

O D E VI.

Ao mesmo motivo.

Vamos de rosas
A frente ornar;
Vamos beber,
Vamos dançar,

*
Guapa donzela,
Co' pé mais liado,
Ao som da Lyra
O chão ferindo.

*
Menêa hum thryso,
Na mão formosa,
Todo enramado
D'hera vigosa.

*
Gentil mancebo
Ledo, e contente,
Com Cyprio aroma
Ungida a frente,

*
Move ligeiro
Alterna a planta,
E ao sôm das cordas,
Suave canta.

*
Cupido loiro,
Baccho prestante,
Venus que os risos
Traz no semblante.

*
Guião das festas
A divindade,
Prazer da fria,
E ardente idade?

O D E VII.

Vencimento d' Amor.

S Em arco, aljava, nem settas,
Me assalta Amor de repente;
Co' huma vara d'Hyacinto,
Na sua dextra sómente.

*
Soube o Deos, qu'eu blasonava,
De negar-lhe adoração;
Quiz, provando o seu poder,
Punir a minha izenção.

*
Vara tão curta, e tão debil,
Na mão Juvenil brandindo,
Decretou-me imperioso,
Lhe fosse os vãos seguindo.

*
Quiz, não pude resistir-lhe;
E forcejando meus passos,
Fui por valles, fui por montes,
Em continuos embaraços.

*

Fui por bosques condensados,
Thé qu'em montes penhascosos,
M'achei d'hum hydra mórdido,
Pelos dentes venenosos.

*

Subitamente a minha alma
Senti meus labios tocando,
E quasi, quasi, que a vi
Dentr'elles ir-se escapando.

*

Eis Amor me dá co'as azas,
Vendo-me afficto, e choroso,
E diz-me, n'um tòm pesado,
E ao mesmo tempo ardiloso.

*

Rebelde, a tua esquivança
Foi causa deste castigo
Deves amar; e se amares,
Entrarás no meu abrigo.

O D E VIII.

Ham Sonho.

Despois que de Baccho
Tomei os licores,
Brindando risonho
Ao Deos dos amores;

*

No leito estofado
Me fui estender,
E veio Morpheo
Meus olhos correr.

*

Mostrou-me este Deos,
Commigo enredada,
De Nymphas galantes;
A chusma engraçada.

*

E eu ledado, saltando
No meio das bellas,
Em giros ligeiros
Folgava com ellas.

*

Fez ver-me huns mancebos;
Que Baccho mais bellos,
Lançando-me em rosto
Injurias, por zelos .

*

Por dar-lhes mais raiva,
As tento abraçar;
Eis tudo a meus olhos
Se perde no ar!

*

Acórdo sosinho;
E em tanto abandono,
Tomei por vingança,
Tomar-me a meu sono.

O D E IX.

A Pomba.

D Onde vens amavel pomba?
Onde tão rapida vás?
Quem te encheo dos bons perfumes
Que de ti soltando estás?

P O M B A .

Bem mal podia deter-me;
Mas, porque tudo te conte,
Saberás, qu'os ares corto,
Ao mando d'Anacreonte.

*

Sua sou: e fui-lhe dada,
Pela bella mái d'Amor,
Em premio d'hum hymno doce,
Que elle fez em seu louvor.

*

Manda-me hoje por Bathyllo,
Rasgar esse campo etherio,
Por Bathyllo, que hoje logra
Sobre as almas livre imperio.

*

Eis as cartas que lhe envia,
De meu pescoço pendentes,
Escritas em brando metro,
Mas com suspiros ardentes.

*

Elle promette, na volta
Por-me em minha liberdade;
Eu não acceito; servillo
He mais da minha vontade.

*

Pois que proveito me vem
De andar por campos abertos,
E girar pelas montanhas,
Em vôos vagos, e incertos;

*

Tendo, nos troncos do mato,
Hum perigoso aposento,
E fazer de grãos agrcstes,
O meu preciso alimento;

*

Se meu senhor carinhoso
Me dá de seu fofô pão,
Que ao bico estreito m'aplica,
Esfarelado na mão.

*

Se quando bebe da taça,
N'ella me deixa beber,
E me consente, em seus hombros,
Minhas azas estender!

*

Como, bebo, danço alegre,
Sem incommodos sentir,
E quando me aperta o somno,
Vou-lhe na Lyra dormir!

*
Que mais quero? em paz te fica ;
Prosigo a minha carreira :
Tu tens-me feito fallar
Mais qu'humã gralha palreira.

O D E X.

O Cupido de Cera.

HUm certo adelo outro dia
Apregoava humi Cupido ,
Feito de cera macia ;
Eu que passava ,
Fui perguntar-lhe ,
Por quanto o dava.

*
N'humã franca linguagem ,
Deixou na minha eleição
A paga da linda imagem :
E então querendo
D'ella informar-me ,
Me foi dizendo.

*

Não fui dessa pessa Author;
E vendo-a porque me custa,
A ter em casa hum senhor,
Que quanto quer,
Sem mais escolha,
Hade-o fazer.

*

Pois bem, lhe disse eu; e então
M'a deu por fraca moeda,
Sem menor exhitação.
E feita a merca,
Meto-o no Seio,
Porque o não perca.

*

E digo-lhe: ó meu Cupido,
Trabalha por me trazer
Sempre este peito incendido?
Cumpre meu rogo,
Pois se o não compres,
Lanço-te ao fogo.

O D E XI.

A si mesmo.

AS moças louçans me dizem :
Anacreonte estás velho,
Vê as cãs, consulta as rugas,
Perante hum fiel espelho.

*

Que vale, que esteja calvo,
Ou tenha a fronte rugosa,
S'inda sinto as mesmas forças
D'huma idade vigorosa!

*

Por isso mesmo, que perto
Vejo o prazo á minha vida,
E sempre a levei contente,
Tenha o seu fim divertida.

O D E XII.

A' Andorinha.

COm que genero de pena,
Te não deveria agora
Ir castigar Justiceiro,
Andorinha palradora?

*

Cortando-te as leves azas?
Ou, sem menor piedade,
Exercendo em tua lingua
De Tereò a crueldade?

*

Porque viestes cantar-me,
Ind'antes de nado o dia,
E despertar-me do sono,
Que Bathyllo me fingia?

O DE XIII.

A si mesmo.

DIs-se, que Atys, moço Frigio,
Cheio d'estranho furor,
Nas montanhas, por Cibelle,
Soltava hum alto clamor.

*

Diz-se, que quantos bebião
Nessa fonte celebrada,
Que em Jonia fora aos Misterios
Do Loiro Deos consagrada,

*

Com valente enthusiasmo,
Transtornada a fantasia,
Vagavão, enfurecidos
Do Sacro dom da Poezia.

*

Eu então, de Bromio cheio,
De perfumes, e de flores,
C'os olhos na minha amada,
Arde em mais doces furores.

O D E XIV.

A Cupido.

N Aõ posso fugir d'amar:
Cupido bem me avisava,
Mas eu , ou tonto , ou isento
De seus avisos zombava.

*

Até qu'elle resolute ,
Vendo-me andar nest'empate ,
Tomou carcaz , arco , e Settas ,
E convocou-me a combate.

*

Armei-me eu , qual outro Achilles
De Lança , de escudo , e malha ,
E offereci-me arrogante
Ao Deos menino , em batalha.

*

Elle Settas , sobre Settas ,
Contra mim arremessou ,
Até que da eburnea aljava
Todos os tiros gastou.

*
Que faz então ; irritado,
Por ver-me, huma vez sujeito,
Em vez de setta, a si mesmo
Se atira contra meu peito.

*
No fundo do coração,
Me senti logo ferido :
Outro remedio não tive,
E confessei-me vencido.

*
Ninguem, com rija armadura,
Contra este Deos se precate ;
Não valem armas por fóra,
Quando he por dentro o combate !

O D E XV.

De si mesmo.

A Mim não m'importa Giges,
Com toda a sua riqueza,
Não quero ouro, nem m'encanta
Dos Monarcas a Grandeza,

* 25 *

*

O meu gosto he perfumar-me,
Co'os aromas do Oriente,
E atar Capellas de Rosas
Em redor da minha frente.

*

Só m'importa o dia d'hoje;
Pois quem sabe o que hade vir?
Se a sôrte o deixa, passemos
O tempo a beber, e a rir.

*

Quem me diz, que de repente
Hum morbo, que a vida arrasta,
Náo vem dizer-me aos ouvidos,
Oh! tens bebido o que basta?

O D E XVI.

De si mesmo.

TU cantas as Guerras
D'antigos Thebanos;
Aquelle os combates
Dos fôrtes Troianos.

*
Eu só, quando a Lyra
Encosto no peito,
Celebro as conquistas,
Que em mim se tem feito.

*
Não forão dragões,
Nem velas ao vento,
Que alçarão trophéos
Ao meu vencimento.

*
Foi lindo esquadrão
De vistas brilhantes,
Que solta o meu bem
Dos olhos galantes.

O D E XVII.

O Copo de prata.

Toma esta prata; abre nella
Ou paizes, ou figuras;
Armas não; cá para mim,
De que servem armaduras?

*

Eu abomino combates!
Faze-me, ó mestre profundo,
Hum copo recommendavel,
Quer por largo, quer por fundo!

*

Não esculpas nelle hum Signo,
D'aquelles, que trazem chuvas;
Lavra-lhe, em roda, huma vinha
Farta de parras, e d'uvas.

*

Exprime, ao vivo o Deos Baccho,
E o tenro inquieto Amor,
Fazendo a vendima, alegres
Com Bathylo encantador.

O D E XVIII.

Ao mesmo motivo.

Mestre d'arte, d'arte bella,
No mundo o mais afamado!
Prepara-me, desta Prata,
Hum Copo bem trabalhado.

*
Abre nelle a Primavera,
Com tua mão delicada,
Das rosas, meu doce encanto,
Airosamente toucada.

*
Grava os festejos brincões,
A' minha alma lisongeiros:
Mas nunca os nefandos cultos
Dos dous vates estrangeiros.

*
Nada de tragico; põe-lhe
Baccho as taças ministrando,
E co'pequeno Hymineo
A Deosa Venus dançando.

*
De fofa parceira á sombra,
Com roxos cachos pendentes,
Pinta os amores sem armas,
E as almas Graças contentes.

*
Não te escapem bons mancebos
Mettidos em feiestria,
E entre elles o Louro Apollo,
Trasbordando de alegria.

O D E XIX.

Ao beber.

BEbe a terra quanto chove;
As plantas bebem da terra,
O Mar bebe o ar, e o Sol
Das aguas, que o mar encerra.

*

Ao mesmo Sol bebe a Lua,
Tudo bebe. E sendo assim;
Porque razão, de beber
Me quereis privar a mim?

O D E XX.

A' sua Amada.

DA Tantaló a filha,
Na idade passada,
Em penha na Frygia
Se achou transformada.

*

E Progne igualmente,
Princeza mesquinha!
Perdeo sua fórma,
Em vaga andorinha.

*

Oh! quem, n'um espelho,
Se vira mudado,
Por ser muitas vezes,
Por ti encarnado!

*

Oh! quem, n'um vestido,
Tornado se vira,
Só porque teus hombros
Galantes cobrira.

*

Oh! quem se vertêra
Em banho gostoso,
A fim de lavar-te
O corpo mimoso.

*

Quem fora pumada
Macia, e fragante,
Que untasses com ella
Teu peito galante.

*
Quem fora teu Lenço,
Ou fio da moda,
Que a bella garganta,
Te ornasse de roda.

*
Ao menos chenela
Polda, e airoza,
Aonde me tocos
A planta mimosa.

O D E XXI.

De si mesmo.

R Aparigas, ministra-me
Essa taça trasbordando
Do rubro Licor de Baccho,
Pois 'stou de sede estalando

*
Trazei-me grinaldas novas,
Com que metigue este fogo;
Trazei-as viçosas, que hoje,
Mal que as ponho murchão logo.

*
Mas todo este ardor externo,
Não entr'em comparação,
Co'aquelle incendio amoroso,
Qu'encerro no coração.

O D E XXII.

A Bathyllo.

MEu lindo Bathyllo,
Comigo te assenta,
Debaixo do freixo,
Que sombras ostenta.

*
Os Zefiros brandos
As azas pulsando,
As folhas lhe agitão,
Em si murmurando!

*
Ao pé d'huma fonte
Em branda corrente,
Excita a brandura
Em todo o vivente.

*

Ah! qual passageiro,
Vendo este lugar,
Se nega, a vir nelle
O fresco tomar?

O D E XXIII.

Ao Ouro.

SE as riquezas me podessem
Os meus dias prolongar,
Poria todas as forças
Em hum thesouro ajuntar.

*

A fim de que vindo a morte,
Que todo o vivo atropella,
Dando-lhe huma grande soma,
Se fosse embora com ella.

*

Mas se remedio não temos
Para estender nossos dias,
Para qu'havemos levallos
Em lamentos, e agonias.

*

Sé a morte a ninguém perdoa,
Se isto he Lei do Fado austero,
E o dinheiro a não révoga,
Para q'outro cousa o quero?

*

Eis-aqui, porque não heide
Por elle, verter suores,
Antes beber c'os amigos,
E dançar c'os meus amores.

O D E XXIV.

Ao mesmo motivo.

EM fim eu nasci mortal;
E he da sorte dos mortaes,
O fazer, sobre este mundo,
Hum breve giro, e não mais.

*

Apenas sei das passadas,
Deste tempo, que hei vivido;
O que me resta a fazer,
Tem-mo o futuro escondido.

* 35 *

*

Longe de mim reflexões,
Longe cuidados: em fim,
Se de nada me valeis,
Ponde-vos longe de mim.

*

E em quanto não vem a Parca,
Os meus dias suspender,
Quero folgar, quero rir,
Quero dormir, e beber.

O D E XXV.

A si mesmo.

A Penas que eu bebo
De Baccho o licor,
No peito adormeço
Angustias, e dor.

*

Porque heide meus dias
Passar em canceira,
Se eu heide acabar,
Por mais que não queira!

* 36 *

*

Ah! fujão-se enganos;
Façamos melhor
O tempo, bebendo
De Baccho o licor.

Pois logo que o bebo,
Com rapido effeito,
Angustias, pezares,
Me dormem no peito.

O D E XXVI.

Ao mesmo motivo.

QUando eu bebo, os meus cuidados
Dormem n'hum sono profundo;
E tenho, que ao grande Cresso
Excedo, em rico, no mundo.

*

De repente o doce canto
Me sahe da boca abrazada,
E d'heras verdes toucado,
Tenho tudo o mais em nada.

*

Vá quem quizer por seu gosto
Seguir de Mavorte a lei;
Corra á espada, ás lanças corra,
Que eu ás taças correrei.

*

Prestes, rapaz, dá-me o copo;
Minha alegria, e conforto;
Antes me vejão deitado,
Por borracho, que por morto.

O D E XXVII.

A Baccho.

Tanto que o sumo,
Tenho esgotado,
Que foi por Bromio
Aos homens dado.

*

Elle dissipa
Minha amargura,
Lança, em minha alma,
Riso, e doçura.

D

* 18 *

*
Elle m'insina
Baile engraçado,
Sem que o enoje
Ver-me toldado.

*
Venus plausivel
Vem-me encantar,
E tremulo, e ebrio
Entro a bailar.

O D. E. XXVIII

A' sua Amada.

E Ia perito pintor,
Pintor decantado em Rhodas
Que desta Arte peregrina
O Rei acclamar-te podes.

*
Pinta-me a minha adorada,
E posto qu' esteja ausente,
Eu vou descrever-te ao vivo,
Pois sempre a tenho presente.

*

Primeiramente, os cabellos
Lhe traça longos, e finos;
E se o pincel o permite,
Cheirem a aromas divinos.

*

Abaixo destas madeixas,
Quaes minha alma t'as descreve;
Lança huma fronte tão alva;
Como a brancura da neve.

*

Deves suas sobrancoelhas
Com tal cautela pintar,
Que chegadas, seja em modo,
Que deixem de se tosar.

*

Deixa em theto hum breve espaço;
Qual hum ponto, hum quasi nada;
E faze as suas pestanas;
D'huma côr azevichada.

*

Seus olhos de vivo fogo,
E azues, quaes Minerva os tem;
D'huma molleza expressiva;
Igual de Cupido a Mãe.

*

Compõe, pintor peregrino,
As suas faces mimosas,
D'huma mistura de leite,
Mas amassado com rosas.

*

Quaes rubins, e persuasivos
Deves seus labios fazer,
Que deixem o mundo inteiro,
Por seus beijos a morrer.

*

Pasmadas neste composto,
Qu'eu t'informo, e vais pintando,
Descreve-lhe as graças meigas,
Já descendo, já trepando.

*

Veste-a de purpura, e deixa
Alguma parte ficar,
De seu bom corpo, despida,
Para do mais se julgar.

*

Mais não careço dizer-te:
Ao meu bem a copia iguala,
Não só me parece vê-la,
Parece-me até que falla!

O D E XXIX.

A Bathyllo.

O Delicado Pintor,
Tu rival da natureza!
Pinta, segundo t'informo,
Do meu Bathyllo a belleza.

*

Pinta-lhe os longos cabellos,
Como de balsamo untados,
Luzentes por entre negros,
E de côr d'ouro mesclados.

*

Deixa-os cahidos em bugres,
Por huma, e por outra parte,
Sem estudo, sem alinhho,
Sem concerto algum, sem arte.

*

Faze as suas sobancelhas,
D hum escuro relevante,
E que á frente, côr dos lyrios,
Seja o limite galante.

*
 Os olhos, pinta-lhos negros,
 Entre fereza, e dôçura,
 Que mostrem de Marte as iras,
 E de Venus a ternura.

*
 Vê se consegues, que tenhas,
 Com ambos tal semelhança,
 Que nelles descubra a hum tempo,
 Sustos, por entre esperanças.

*
 Pinta-lhe as faces vermelhas,
 Mas do vermelho das roças;
 Cheias de hum pelle mimoso,
 Qual o das fractas vigorosas.

*
 Apura, quanto ser possas,
 Entre esta galante eoz,
 Hum certo fogo, que nasce,
 De repentina pudor.

*
 A boca, não sei dizer-te,
 De que maneira se faça;
 Mas em geral, nella abunde
 Doce expressão, viva graça.

*
Ou porque tudo te diga,
N'huma palavra sómente,
Precisa que este retrato,
Tenha o silencio eloquente.

*
Faze-lhe o rosto comprido;
E imita Pintor perfeito,
Na sua garganta, Adonis,
Mercurio nas mãos, e peito.

*
Mas tu sempre tens tua arte,
Que atraícoa o nosso gosto!
Porque lhe vestes seus hombros,
O mimo deste composto?

*
Da belleza de seus pés,
Para que te hei de informar,
Se temos aqui modelo,
Que te possa governar.

*
Por esta estatua d'Apollo,
Pinta aqui Bathyllo bello;
Se Apollo em Samos pintares,
Tens em Bathyllo o modelo.

O D E XXX.

Do Amor.

COm festões de frescas flores,
As Musas Amor prendêrão,
E acautelando-lhe a fuga,
Em guarda á belleza o derão.

*

A livrallo, affadigada
A linda Venus correo;
E c huma somma avultada,
O seu resgate emprehendeo.

*

Mas inda qu'ella consiga
A ventura de o remir,
Talvez, que d'alli não saia,
Já costumado a servir.

O D E XXXI.

A si mesmo.

DEixai-me a meu gosto,
Deixai-me beber,
Eu quero em furores
Minha alma accender.

*

D'Euriphile o filho,
E Orestes raivoso
Sentirão, por crimes,
Furor espantoso.

*

Eu sem os remorsos
De ser matricida,
Vou ser furioso
Com muita bebida.

*

O bravo Thebano,
Co'a flecha de Ephyto,
Ajunta em furores
Delicto a delicto.

*

Hum Ajax insano
 Com seu grande escudo,
 E a espada d'Heitor
 Investe com tudo.

*

Co'a taça na mão
 Croado de flores,
 Sem lança, ou espada,
 Me entrego a furor.

O D E XXXII

A's suas Amadas.

SE podes contar as folhas
 Do bosque, e areias do mar,
 Só assim fio que possas
 Minhas Amadas contar.

*

Põe trinta e cinco d'Athinas,
 De Corintho hum regimento,
 Qu'esta Cidade d'Achaia
 Tem moças, que são portento!

*
Da celebre Ilha de Lesbos,
De Cária, de Jónia, e Rhodes,
Sem fazer contas por alto,
Duas mil contar bem podes.

*
Perguntas-me se amei tantas?
Que não dirás, se contares
As do Egypto, Syria, e Crota,
Onde Amor tem seus altares!

*
Que mais queres, que te diga?
Não contas, n'humas semanas,
Os meus amores da India,
De Cadix, e Bactriana.

O D E XXXIII.

A' Andorinha.

TU vens, andorinha amavel,
O teu ninho fabricar,
Apenas vês as campinas
De brancas flores bordar.

*
Mas logo que a terra cobrem
Os gelos, em larga copia,
Vais habitar os rochedos
De Memphys, ou de Ethiopia.

*
Amor tem sempre seu ninho
Dentro do meu coração;
E reciprocas succedem
Huma á outra criação.

*
Quando huns amores se vêm
De tenras pennas ornando,
Já outros novos amores
Se estão no peito chocando.

*
Alguns ha meios tirados;
Outros co'a casca rachada,
E co'as boquinhas abertas
Fazem continua piada.

*
Aos qu'inda são pequeninos,
Dão de comer os maiores,
E a seu tempo competente
Produzem novos amores.

*

Ai de mim! que hei de fazer?
Tão fecunda producção
Nem cabe na minha lingua,
Nem cabe em meu coração.

O D E XXXIV.

A buma Rapariga.

DE mim não fujas,
Belleza ingrata,
Por ver-me as tranças
Da côr da prata.

*

Nem porque vences
Em côr á rosa,
Sejas comigo
Tão desdenhosa

*

Olha que bella,
Linda mistura
Faz entre as rosas
Do lirio a alvura!

O D E XXXV.

A' Europa, e Japiter.

O Touro, que nesse quadro
As ondás vemos cortando,
Elle sem dúvida he Jove,
Pelo que estou combinando.

*
Elle sobre as costas leva
Huma Sydonia galante,
E co'as unhas corta as aguas
Do fundo mar espumante.

*
Nenhum touro tresmalhado
Da manada, em que pastava,
Fazia tal! Elle he Jove;
Outro as ondas não rasgava.

Ô D E XXXVL

Sobre os prazeres da vida.

Porque me ensinas p'coeitos,
D'hum Rhetorico facundo?
De que aproveitão lições
Desnecessarias no mundo?

*

Antes m' ensina a beber
A taça de vinho chãa;
Ensina-me os jogos meigos,
Da galante Cytherêa.

*

Já estas canções são os louros
Da frente rugosa, e velha;
Dá-me agua, ó mancebo, e mescla-a
Co' vinho dessa botelha.

*

Adormece-me os sentidos,
Pois muito cedo, a meu ver,
Irei á terra, onde os mortos
Nada tem que appetecer.

O D E XXXVII.

A' Primavera.

TU não vês como em chegando
A primavera, contentes
De rubras rosas enfeitão
As graças o peito, e as frentes?

*

Não vês como a furia acalmão
As ondas murmuradoras?
Não vês como alegres voltão
As aves mergulhadoras?

*

Vê como o Sol resplandece,
E as tempestades se vão;
Vê como aos olhos são gratas
As fadigas do villão?

*

Pare a terra as verdes hervas;
A Oliveira cobra a côr;
Corta-se a vide, e no golpe
Baccho expurga o velho humor.

*

Por entre as folhas nascentes
Do tronco grosseiro, e bruto
Esperanças vem brotando
De rico abundante fruto.

O D E XXXVIII.

De si mesmo.

EU bem sei, que já sou velho,
Mas, os copos empinando,
Vejo desbanço os rapazes,
Quer bebendo, quer dançando.

*

A hum odre, em vez de bordão
M'arrimo; e até esta idade,
De m'encostar a huma cana
Não tive necessidade.

*

Quem deseja batalhar;
Batalhe quanto quizer:
O' lá rapaz, traze vinho,
Dêsse mais doce qu'houver.

E

*

A conta da minha idade
He avultada, bern sei;
Mas como velho, nas danças
A Syleno imitatei.

O D E XXXIX.

A si mesmo.

Mal qu' eu bebo o doce vinho,
De repente as minhas penas
Fogem do peito, e contente
Celebro as nove tameras.

*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,
De repente os meus pezarés,
E as reflexões enfadonhas,
Rápidas vão pelos ares.

*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,
Baccho, em jogos engraçados,
Me transporta alegre, e ebria
Aos Horizontes rosados.

*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,
E cinjo a crôa, que fiz,
De flores mil variada,
Celebro a vida feliz.

*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,
D' aroma fragrante unguido,
A' minha amada abraçado,
Decanto a Mãe de Cupido.

*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,
E faço o esp'rito nadar
Em grandes copos, então
As Órgias vou celebrar.

*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,
Tenho este ganho subido,
Que a Parca, que leva tudo,
Não leva o que está bebido.

O D E XL.

A Cupido.

ENtre rosas, que apanhava,
O mal fazejo Cupido,
Não vio huma loura abelha,
E foi por ella mordido.

*

Mal que picado se vio,
Na tenra mão, entre dor,
Começou de levantar
Hum magoado clamor.

*

Já correndo, e já voando
A candida Mãi buscou;
Ai morri, morri, dizia,
Ai Mãi, teu filho espirou.

*

Olha bem; mordeo-me aqui
Pequena, alada serpente,
A que dá de abelha o nome,
Do campo a enganada gente.

*

Ella vendo, disse: O' filho;
Se isto tanta dor te faz,
Que soffreráó os que prováo
Os golpes, que tu lhes dá?

O D E XLI.

Aos banquetes.

A Baccho demos louvores,
Seu licor bebendo em tanto;
Author dos coros, amigo
Dos bailes, e doce canto.

Elle co' Amor
Terno se avém;
Elle nos torna
Mais viva a Mãi.

*

Elle he o deos dos banquetes,
Donde á alegria se passa;
Elle deo ser, entre os copos,
A huma, e á outra Graça.

Por elle a dor
Triste s'acalma ;
Por elle a angustia
Nos morre n alma.

*

Logo qu' a raça me trazem
Os serventes engraçados,
Sobre as rajadas dos ventos
Rápidos vão meus cuidados.

Eia bebamos,
E de repente
Nos fuja tudo,
Quanto he pungente.

*

Que te proveit' essa vida,
Que pouco a pouco consumes,
Macerar com reflexões,
E amargurados queixumes ?

Quem sabe as cousas
Lá do futuro ?
A vida he cáos
Em tudo escuro.

*

A mim sómente m'agrada,
Depois da taça esgotar,
E perfumar-me de aromas,
Ir as chorêas reçar.

E a par da linda,
Formosa Isbella,
Em leves gyros,
Dançar com ella.

*

Todos esses, que desejão
As penas que eu lanço fóra;
Os sequazes da tristeza,
Vivão tristes muito embora.

Cantemos Baccho,
Bebendo em tampo,
Baccho, inventor
Da dança, e canto.

O D E XLII.

De si mesmo.

Dão á minha alma
Gosto excessivo,
De Baccho as danças,
Meigo, e festivo.

*

Co'a mocidade,
Qu' amor respira,
Gosto, em bebendo,
Cantar á lyra.

*

E mais me encanta,
Cingir capellas,
E entrar em jogos
Co'as Nymphas bellas.

*

Minh' alma ignora
Inda o que seja,
Maligno influxo
De negra inveja.

*

Eu fujo aos golpes,
Duros, traidores
Da aguda lingua
Dos mofadores.

*

Detesto as mofas,
E a solta grita,
Que nos banquetes
O Bromio excita.

*

Amo o descanço;
Apraz-me á lyra
Dançar co'a bella,
Qu' amor m' inspira.

O D E XLIII.

A' Cigarra:

QUanto Cigarra és ditosa!
Bebendo frescos orvalhos,
Cantas, qual huma Rainha,
Sobre os crutos dos carvalhos,

*

Tudo, quanto se descobre,
Que produza o bosqu' ameno,
He teu; he teu quanto cria
O vasto pingue terreno.

*

Tem por ti os lavradores
Amizade verdadeira,
Pois tu, jámais, lhe fizeste
Damno algum á sementeira.

*

O' Cigarra venturosa!
Todo o mundo te venera,
Como alegre profetiza
Da volta da Primavera.

*

Amão-te as filhas d' Apollo;
O mesmo Apollo te adora;
Elle, por ti decedido,
Te deo essa voz sonora.

*

Filha festiva da terra!
Nem co' tempo t' envelheces,
Nem, doce amiga do canto,
Dores, ou males padeces.

*

Em ti não circula sangue;
Não és de carne formada;
Da natureza dos Deoses
Deferes ou pouco, ou nada.

O D E XLIV.

A hum sonho.

Sonhei outro dia
Qu'andava gyrando,
As azas, nascidas
Nos hombros, pulsando.

*

Qu' Amor me seguia,
E tendo ligado
Hum pezo a seus pés,
Fui delle apanhado.

*

Que posso inferir,
Que diga este sonho?
Não he outra cousa,
Segundo supponho,

*
Senão, que d' Amor
Fugindo aos grilhões,
Jámais o farei
Das novas prizões.

O D E XLV.

A's settas d'amor.

N As vastas furnas de Lemmos
Em rija safra, Vulcano
Batia as settas, qu' atira
De seu arco o moço insano.

*

Venus meiga as temperava
N'hum vaso de louro mel ;
O duro filho as untava ,
Ao depois, de amargo fel.

*

Eis de hum combate vaidoso,
Entrou na furna o Deos Marte
Pezada lança na mão,
A espada no talabarte.

*

Olha ao través sobre as setas,
Mostrando hum ar de desprezo,
Desdenha do seu tamanho,
E mofa do pouco pezo.

*

Amor, tomando huma dellas,
Com sua pequena mão,
Lhe disse: Pega-lha Marte,
Observa se peza, ou não.

*

Ao ir tomalla, surrio-se
A galante Mái d'Amor;
Pegando-lhe deo suspiros
Hum Marte, e mudou de côr.

*

Toma-a, disse: he bem verdade;
Não só peza, he fogo ardente:
Guarda-a lá, lhe torna Amor,
Della te faço presente.

O D E XLVI.

Ao peder do Ouro.

O Não amar he desgraça ;
Amar, desgraça he tambem !
Mas a maior he amar
Nymphas, que amor nos não tem.

*

Sangue, Virtude, Saber,
Talhe airoso, e gentileza,
São pequenos attractivos
Aos olhos d'humã Belleza.

*

Ouro sómente lhe arranta,
Do peito amorosos ais ;
Ouro faz ditoso o amante,
Não virtudes pessoas.

*

Maldito aquelle primeiro,
Que rasgando a terra dura,
Fez sahir este inimigo,
A ver do Sol a luz pura.

*

Por elle, que tanto cega,
Com refulgente clarão,
Atraíçoa ao Pai seu filho,
Hum Irmão ao outro irmão!

*

Com elle ad mundo vierão
Heroes, de havello sedentos,
Por entre sangue esparzido,
Por entre roubos violentos.

*

Por elle, maldito seja!
Vê o mundo, a cada instante,
Comprar hum rico rival,
O premio d'hum terno amante.

O D E XLVII.

A' velhice alegre.

Encanta-me ver hum velho,
Que nunca foi rabugento,
Que s'alegra, e se mistura
Dos moços no ajuntamento.

Com elles, d'involta
Bebendo, e folgando,
Em doces prazeres
Seus dias findando.

*

Hum velho destes confunde
A ardente, co'a fria idade!
Em que differe este gelo
Das brazas da mocidade?

Se bebe, se ri,
Se joga, se dança,
Só acho que he velho,
Na alvura da trança.

Ó D E XLVIII.

Em banquete com os amigos.

T Razei-me a lyra
Do grande Hórnero,
Qu' em lauta mesa,
Tangella quero.

*
Tirai-lhe a corda
De som pezado,
Que as lutas canta
De Marte isado.

*
Com doce Bromio,
Que me transporte,
Trazei-me os copos
Da minha sorte.

*
Eu os misturo:
Dai-me os bilhetes:
Hei de ser hoje
Rei dos banquetes.

*
Resta, em furores,
Que Baccho inspira,
Cantar seus Hymnos
Ao som da lyra.

*
Cante-se a gloria
Desta Deidade;
Solte-se o estro
Com liberdade.

O D E XLIX.

A' cerca de Baccho.

OUve, Pintor affamado,
Os meus lyricos acentos;
Move no quadro o pincel,
Conforme a meus pensamentos.

*

Pinta-me o Deos das vindimas,
Sobre o carro magestoso,
Em que, nas margens do Ganges,
Os tigres jugou vaidoso.

*

Os Satyros pinta em roda,
E as Bacchantes, gente louca,
Dançando, e hum ebrio tangendo,
Com duas flautas na boca.

*

Pinta as Cidades festivas,
Este Numen celebrando,
Em pompa, fausto, e applauso
Por suas ruas levando.

*

E se o píncl o permite,
Se tanto podem as cores,
Exprime ao vivo essas leis,
Que guardão os bebedoras.

O D E L.

Ao Deos Baccho.

E Ste Deos, que fortalece
A mocidad' entre as taças,
Qu' ensina os jogos, e as danças,
Dá saude, e inspira as graças.

*

A nós torna, e vem com elle
Aquelle rouxo licor,
Qu' infunde n' alma alegria,
E do peito espanca a dor.

*

He este o sumo da vide,
Qu' inda não bem sasonado
No cacho, á sombra das partas,
Está do tempo guardado.

*
Mas logo qu' o ferro o corte,
E o calque o pé rigoroso,
Sahirá, e em larga cuba
Se cozerá generoso.

*
Então no copo espumando,
Ao cheiro, e gosto agradável,
A nossos cançados corpos
Dará hum vigor saudavel.

*
O corpo, e 'sprito sadío
Nos trará licor tão puro,
Até que benigno venha
Ver-nos no Outono futuro.

O D E L L.

A Venus nadando.

Q ual foi o pincel divino,
E qual a mão d' invejar,
Que tão propios pède os mares
Nesta bandeja pintar?

*

Que os pôde exprimir ao vivo,
De si mesmo entumescendo,
E em rolos de branca espuma
Sobre as arêas correndo?

*

Só com viva fantasia
Por alto Numen inflamada,
Pintava, como pinhou,
Venus aos mares lançada!

*

Despido aos olhos nos deixa
Seu lindo corpo nevado;
Mas quanto a modestia vóda,
As ondas nos tem vedado!

*

O cristal do mar ondoso
D'huma em outra parte errando,
Corta c'os braços nevados,
E o vai c'o peito arrostando.

*

As espaldas, que apparecem,
E o collo, ao cimo do mar,
Brilhão, como entre as violas,
Vemos os d'elles brilhar.

*

Corn qu'arte pôz a mão destra
Cupido, e seus servidores,
Brincando em torno da Deosa,
Sobre delfins nadadores!

*

Do fundo pego attrahidos
Sobem das aguas ao lume,
Por vê-la os Tritões, e os peixes,
Em rebanhado cardume!

*

Por entre o cristal das ondas
As lindas costas alveião;
Peixes, Tritões, e Golfinhos
Em roda a sombra lhe beijão.

O D E LII.

A' Vindima.

Q uanto he doce ver n' Outono
Peças vinhas misturados,
Moças louçans, e mancebos,
Na vindima affadigados,

*

Huns enchem fundos cabazes
Dos cachos, qu' alegres cortão;
Outros em chusma, e folgado
Aos lagares os transportão.

*

Ahi alternando as plantas,
Fazem do bago esmagado
Sahir, em fervida espuma,
O doce mosto rosado.

*

Em altos risos, e em grita,
Recitão facessias Rimas
Ao velho Syleno, e a Baccho,
Presidentes das vindimas.

*

Que alegria os não transporta,
Quando, chegando a sazão,
O sentem dentro das cubas
Estar fervendo em cachão!

*

Tu, ó tempo acelerado,
Parece tardo lhe passas,
Thé ao tempo de cozido
Erguer espuma nas taças!

*
He então, qu' em risos doces
Vêm, de gosto repassados,
O cumprimento das preces
No fructo de seus cuidados.

*
Então se bebe, e com elle
Esforçado o velho dança,
E ao tremulo pé imita
Nas costas a nivea trança.

*
Vê-se logo, em fogo acceso,
O mocetão bebedor
Passar do lume de Baccho,
A's lavaredas d' Amor.

*
Eis atrevido se posta
Junto da bella, que adora;
Elle em franqueza lhe falla,
Ella de pejo se oóra.

*
Amor se ri das finezas,
Ditas em tal liberdade;
Baccho promove as desordens
Do vinho, e da mocidade.

*

Estes dons fogos ao peito
Dão calor, e valentia;
Então explica, e faz quanto,
Nem fizera, nem diria.

*

Eis-aquí, como este sumo,
Do roxo cacho tirado,
A's vezes o amante sério
Torna amante confiado.

O D E LIII.

A's Rosas.

CAntemos a Primavera
De lindas flores croada;
Dêmos louvores á rosa,
Ao som da lyra afinada.

*

Eu sou pouco: dá-me auxilio
Das Musas amigo, e meu;
Cante-se a flor, que prezarão
Os Numes da terra, e Ceõ.

*
A rosa, he perfum' aos Deoses,
He dos homens o prazer;
As graças, surrindo, a colhem,
E vão das tranças prender.

*
Faz as delicias de Venus
Pela Estação dos Amores;
As lyras de toda a idade
Repetirão seus louvores.

Amigo.

He o desvelo das Nymphas,
E as Pierides sagradas,
Sem medo aos bicos, a colhem
Com suas mãos delicadas.

Anacreonte.

A rosa faz, pelo estalo
De suas folhas galantes,
Que julguemos dos successos
Ou bons, ou máos dos amantes.

Amigo.

A rosa ou seja na planta,
Ou em fartos ramalhetes,
Faz os prazeres do campo,
Faz a graça dos banquetes.

Anacr.

Que pôde ser bom sem rosas,
Se n' expressão dos cantores
Forão sempre o mimo, e enfeite
Das graças, e dos Amores?

*

A rouxa Aurora de rosas
Os seus lindos dedos tem,
As Nymphas os tenros braços,
E o rosto d' Amor a Mãi.

Amigo.

A Medicina sem rosas,
Tyranna falta sentira,
Donde o balsamo encontrara,
Que das suas folhas tira !

*

Ellã dá fragancia aos corpos,
Ao tempo resiste, e a rosa
Tem já seccã o bello cheiro,
Que tinha quando viçosa.

Anacr.

De sua origem tratemos:
Mal que vio nascer o mar
Venus de suas espumas,
E suas ondas cruzar,

*

Quando da frente de Jove
Pallas guerreira sahio,
Então a terra gostosa
Esta planta produzio.

Amigo.

Todos os Deoses do Olympo
O seu nascimento honrarão,
E do Nectar precioso,
Suas folhas borrifarão.

*

Ao mesmo instante, das folhas
Se vio rebentar vaidosa,
De mil espinhos guardada,
Dos Deoses a flor mimosa.

O D E L I V .

De si mesmo.

A Vista do bello rancho
De mancebos, e donzellas,
De velho me torno moço,
E folgo em dançar com ellas.

*

Faze-te moço tambem;
Imita-me caro amigo;
Dá-me capellas de rosas,
Move as plantas, vem conmigo.

*

Pois que de mim s'alongou
O pezo da longa idade,
E em rapaz me transformei,
Vou dançar co'a mocidade.

*

Trazei-me de pressa a taça;
Esse licor generoso,
Ao velho em moço tornado,
Tornará mais vigoroso.

*

Veja-se hum velho que folga;
Que bebe sem ser pedido;
Desinquieta brincando,
Sem fazer-se aborrecido.

O D E LV.

Sobre os Amantes.

OS cavallos se distinguem,
Nas suas raças differentes,
Pelos signaes, que na espada
Lhe imprimem ferros ardentes.

*

Distinguem-se na campanha
De Marte as gentes guerreiras,
Humas nas cores dos elmos,
Outras nas suas bandeiras.

*

Tem os Amantes tambem
Nos olhos certos signaes,
Que se intentão disfarçar-se,
Então se descobrem mais.

F I M.

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

